

## **WILLIAM CAREY: O PAI DAS MISSÕES MODERNAS**

*William Carey: the Father of Modern Missions*

Bruno Litz<sup>1</sup>

Dr. Josemar Valdir Modes<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo concentrou-se na apresentação e na análise da vida e da obra missionária de William Carey. Por essa razão, foram considerados os principais acontecimentos de sua trajetória, bem como a sua criação, infância, juventude, conversão, preparação para o trabalho missionário e a própria obra missionária em si, com destaques especiais à fundação da Sociedade Missionária Batista e aos princípios e estratégias elaborados e utilizados por William Carey para a propagação do evangelho na Índia. Além disso, foram apresentados os resultados e os frutos alcançados por Carey através de seu trabalho, com ênfase para as reformas sociais promovidas por ele nas áreas de educação e de direitos humanos. Para a elaboração e desenvolvimento deste artigo, foram utilizados livros a respeito do progresso histórico das missões cristãs, registros biográficos sobre William Carey e a *Investigação* por ele escrita

**Palavras-chave:** Missões. Índia. Protestantismo.

### **ABSTRACT**

This article has focused on presenting and analyzing the life and missionary work of William Carey. For this reason, the main events of his life were considered, such as his upbringing, childhood and youth, conversion, preparation for the missionary work and the missionary work itself, with special emphasis on the foundation of the

<sup>1</sup> Estudante de Teologia na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [bruno.litz@batistapioneira.edu.br](mailto:bruno.litz@batistapioneira.edu.br)

<sup>2</sup> Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, tem especialização em Liderança e Gestão de Pessoas pela FABAPAR, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR. É doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [dinho@batistapioneira.edu.br](mailto:dinho@batistapioneira.edu.br)

Baptist Missionary Society and the principles and strategies developed and used by William Carey to spread the gospel in India. In addition, the results and fruits achieved by Carey through his work were also presented, with emphasis on the social reforms he promoted in the areas of education and human rights. For the preparation and development of this article, books about the historical progress of Christian missions, biographical records on William Carey and the *Enquiry* he wrote were used.

**Keywords:** Missions. India. Protestantism.

## INTRODUÇÃO

O trabalho realizado por William Carey na Índia tem servido de inspiração e modelo para muitos outros missionários e movimentos cristãos desde o final do século XVIII. Além disso, devido à importância e aos resultados de sua trajetória, ele notadamente ficou conhecido como o “pai das missões modernas”, principalmente por ter inaugurado uma nova era missionária depois de tanto tempo de inércia, letargia e desinteresse por parte das igrejas protestantes de sua época. Por essas razões, o presente artigo terá como objetivo abordar e relatar informações importantes referente tanto à biografia de Carey quanto ao trabalho missionário por ele realizado.

Para a elaboração e o desenvolvimento deste artigo, serão feitas pesquisas e consultas bibliográficas tendo como fontes biografias acerca de William Carey, a *Investigação* escrita por ele e outros materiais que tratam da história e do progresso das missões cristãs pelo mundo inteiro. Por fim, é válido também destacar que este artigo objetiva, a partir do exemplo de William Carey, gerar em seus leitores um interesse genuíno por missões e não apenas transmitir informações sobre o tema.

## 1. DA INFÂNCIA ATÉ A IDADE ADULTA

### 1.1 NASCIMENTO E CRIAÇÃO

William Carey nasceu no vilarejo de Paulerspury, em Northamptonshire, Inglaterra, no dia 17 de agosto de 1761.<sup>3</sup> A condição econômica de sua família era precária e seu pai, Edmund Carey, durante os seis primeiros anos de vida de William, trabalhou como tecelão no vilarejo onde moravam. Apesar dessas circunstâncias, os pais de Carey nunca foram negligentes quanto à educação e ensino de seu filho, mas sempre incentivaram o seu aprendizado.<sup>4</sup> Em 1767, Edmund foi nomeado professor da escola de caridade de Paulerspury após o falecimento de seu irmão. Mesmo que isso não tenha representado uma grande ascensão na escala social para os Carey, a nova profissão de Edmund forneceu algumas vantagens e benefícios. A família recebeu uma casa maior e a remuneração do pai aumentou, pois, além de professor, ele também trabalhava como escrivão da paróquia local. Essa melhora na condição financeira fez com que Edmund adquirisse mais livros para a sua biblioteca particular. Tais compras foram fundamentais para o desenvolvimento de William, que desde criança se acostumou com a leitura.<sup>5</sup>

Dessa forma, Carey cresceu num ambiente repleto de estímulos para o seu crescimento intelectual. Aos seis anos de idade ele já resolvia somas aritméticas de cabeça, além de ter desenvolvido um interesse expressivo por livros sobre ciências, história e aventuras.<sup>6</sup> A leitura da Bíblia também se fez presente ao longo de sua infância, porém a obra que ele considerava a sua preferida era *O Peregrino*, de John Bunyan.<sup>7</sup>

<sup>3</sup> MARSHMAN, John Clark. **The life and times of Carey, Marshman, and Ward:** Embracing the history of the Serampore mission. Tradução nossa. Londres: Longman, Brown, Green, Longmans & Roberts, 1859, p. 1.

<sup>4</sup> VARETO, Juan C. **Heróis e mártires da obra missionária:** desde os apóstolos até nossos dias. Tradução de Almir S. Gonçalves. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1946, p. 44.

<sup>5</sup> GEORGE, Timothy. **Fiel testemunha:** vida e obra de William Carey. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 28-29.

<sup>6</sup> MARSHMAN, 1859, p. 1.

<sup>7</sup> GEORGE, 1998, p. 29.

Aos doze anos, Carey adquiriu um exemplar do *Vocabulário Latino*, escrito por Thomas Dyche, e conseguiu memorizar grande parte da obra, além de estudar cuidadosamente um esboço de gramática que estava contido nela.<sup>8</sup>

William Carey também demonstrava possuir uma fascinação pelas ciências naturais. Em seu quarto, ele possuía um museu particular no qual guardava diversos artigos de seu interesse. Entre eles, os principais eram espécimes de insetos, pássaros e plantas, que Carey capturava enquanto fazia caminhadas nas matas próximas à sua casa.<sup>9</sup> Nesta etapa de sua vida, William foi fortemente influenciado por seu tio Peter Carey, um soldado aposentado do exército britânico. Com ele, Carey ouvia histórias a respeito de viagens marítimas, batalhas contra tropas francesas no Canadá e sobre muitas outras experiências vividas por seu tio no continente africano e o Novo Mundo.<sup>10</sup> A partir desses relatos, William passou a desenvolver uma curiosidade insaciável por nações estrangeiras e países distantes. Além disso, como Peter passou a trabalhar como jardineiro após a sua aposentadoria, ele também ajudou a intensificar a apreciação que seu sobrinho já possuía por jardins e flores. Uma paixão que acompanhou William Carey por toda a sua vida.<sup>11</sup>

Assim, por conta de seu interesse pelas ciências naturais, parecia que Carey estava destinado a uma vida fora de casa, trabalhando com botânica ou com agricultura. Porém, uma doença que ele havia tido aos sete anos de idade fez com que a sua trajetória sofresse drásticas alterações. Carey havia desenvolvido fortes alergias e um problema de pele que causava intensas irritações devido à exposição ao sol. Por conta disso, ele estava impossibilitado de realizar qualquer tarefa ao ar livre. Então, quando tinha catorze anos, seus pais encontraram Clarke Nichols, um sapateiro no vilarejo de Piddington, com quem Carey obteve um emprego e começou a trabalhar como aprendiz.<sup>12</sup> Nesta função, William consertava os sapatos de clientes da comunidade local, além de fornecer insumos para outras sapatarias da região. Carey rapidamente aprendeu a profissão e logo se tornou um artesão habilidoso, conseguindo assim suas condições básicas de sustento.<sup>13</sup>

William, porém, não parou de se dedicar aos estudos, mesmo tendo que se empenhar com suas atribuições profissionais. Na sapataria onde trabalhava, Carey encontrou um comentário do Novo Testamento em meio a uma pequena coleção de livros. A obra continha algumas palavras em grego e, mesmo sem compreender o idioma, Carey copiava os caracteres à medida que realizava a leitura. Quando era liberado de seu trabalho e conseguia permissão para visitar a sua família, William aproveitava a oportunidade para se encontrar com Tom Jones, um tecelão que também residia em Paulerspury. Quando jovem, este homem havia recebido uma educação liberal, sendo instruído no conhecimento das línguas clássicas. Nesses encontros, Carey levava consigo as folhas em que havia anotado e copiado as palavras em grego, e Jones as traduzia da maneira que conseguia. Assim, William pôde começar a ter mais familiaridade com o idioma, compreendendo-o aos poucos.<sup>14</sup>

William Carey permaneceu trabalhando como sapateiro até os seus vinte e oito anos de idade e, por causa dessa profissão, ele vivenciou a experiência mais transformadora de sua vida, a sua conversão. Tal assunto será o foco do próximo tópico.

## 1.2 CONVERSÃO

Por conta da influência de sua família, William Carey possuía certa familiaridade com o cristianismo, tendo sido batizado e criado na Igreja Anglicana. Porém, mais tarde o próprio Carey reconheceu que não

<sup>8</sup> MARSHMAN, 1859, p. 2.

<sup>9</sup> PEREIRA, J. Reis. **Ele tinha o mundo no coração**: a vida de Guilherme Carey. Rio de Janeiro: Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista Brasileira, 1967, p. 12.

<sup>10</sup> GEORGE, 1998, p. 30.

<sup>11</sup> HAYKIN, Michael A. G. **The missionary fellowship of William Carey**. Tradução nossa. Sanford: Ligonier Ministries, 2018, p. 15.

<sup>12</sup> MARSHMAN, 1859, p. 2.

<sup>13</sup> GEORGE, 1998, p. 31.

<sup>14</sup> MARSHMAN, 1859, p. 2.

havia tido nenhum conhecimento de uma experiência religiosa real e verdadeira até a sua adolescência, permanecendo durante toda a sua infância como um cristão nominal. Na sapataria de Clarke Nichols, Carey passou a trabalhar e a conviver com um outro aprendiz de sapateiro, John Warr, um rapaz três anos mais velho que Carey e que pertencia a uma denominação congregacional dissidente da Igreja Anglicana. Com frequência, Warr e Carey conversavam e discutiam sobre assuntos relacionados à religião e Warr era persistente em testemunhar sobre Cristo para o seu colega de profissão.<sup>15</sup>

No princípio, Carey demonstrava muita resistência aos argumentos e testemunhos de Warr, pois, mesmo não tendo profundas convicções religiosas, possuía um grande desprezo pelas denominações dissidentes da Igreja Anglicana. Warr, porém, continuava com suas tentativas, que gradualmente foram gerando em Carey uma inquietação a respeito de seu estado espiritual. O colega também começou a emprestar alguns livros para William, que rapidamente influenciaram o seu pensamento, mas que também o deixaram mais aflito com relação à sua alma. Por fim, Warr conseguiu convencer Carey a participar de um encontro de oração no vilarejo de Hackleton, no qual alguns cristãos congregacionais se reuniam para orar e realizar um estudo bíblico.<sup>16</sup>

Influenciado pelo exemplo de John Warr, Carey decidiu que realizaria uma mudança em sua vida, alterando drasticamente o seu comportamento. No período da adolescência, William era muito acostumado a ter conversas obscenas e a mentir, entretanto, ele rapidamente percebeu que por suas próprias capacidades não conseguiria abandonar esses hábitos para se dedicar à oração e à vida com Deus.<sup>17</sup>

No Natal de 1777, porém, Carey teve uma experiência que transformou profundamente a sua vida. Ele havia ido para Northampton, onde precisava fazer algumas compras particulares e outras para o seu patrão. Durante a viagem, ele se encontrou com um ferreiro de sobrenome Hall, que jocosamente lhe entregou um xelim (moeda) falso como presente de Natal. Após fazer as compras e retornando para Piddington, com muita culpa em sua consciência, Carey decidiu que ficaria com um xelim verdadeiro que seu patrão havia lhe dado e devolveria a ele o falso como troco referente ao valor das compras. William inclusive pediu a Deus que lhe deixasse passar impune por essa falsidade, prometendo que se nada lhe acontecesse ele nunca mais pecaria em sua vida. Ao chegar em Piddington, Carey, porém, teve sua farsa rapidamente descoberta por Nichols e o vilarejo inteiro ficou logo sabendo da sua tentativa de roubo. A exposição do pecado de Carey fez com que ele ficasse tão envergonhado a ponto de permanecer em isolamento durante alguns dias.<sup>18</sup>

Após esse evento, Carey teve uma compreensão muito maior do seu estado de pecado e da sua necessidade de ter uma transformação completa em sua vida. Essa experiência, somada a muitas leituras e conversas com outros cristãos, fez com que William Carey finalmente fosse levado a depender exclusivamente de Cristo para a sua salvação e perdão e a buscar um sistema de doutrinas na Bíblia para fundamentar a sua vida.<sup>19</sup>

A partir deste momento, a história de William Carey nunca mais foi a mesma. Ele começou a conversar insistentemente com outras pessoas a respeito da importância que Cristo tinha para ele. Carey, inclusive, posteriormente viria a, juntamente com John Warr, acompanhar o patrão Clark Nichols em seu leito de morte, enquanto este encontrava esperança na fé que também havia abraçado. Além disso, os parentes de Carey logo se tornaram uma grande preocupação para o jovem. Quando ele os visitava, sempre pedia permissão para orar pela família, desejando que todos os seus familiares encontrassem a salvação em Cristo.<sup>20</sup>

<sup>15</sup> GEORGE, 1998, p. 32.

<sup>16</sup> HAYKIN, 2018, p. 17.

<sup>17</sup> GEORGE, 1998, p. 33.

<sup>18</sup> HAYKIN, 2018, p. 19.

<sup>19</sup> GEORGE, 1998, p. 33.

<sup>20</sup> GEORGE, 1998, p. 34.

A conversão de Carey mudou completamente os rumos de sua vida. Após esse evento marcante, ele compreendeu a necessidade de se envolver mais ativamente com o serviço em uma igreja local. Além disso, nessa mesma época William Carey e Dorothy Plackett casaram-se. Tais assuntos serão abordados em seguida.

### 1.3 APÓS A CONVERSÃO

No ano de 1779, no dia 10 de fevereiro, William Carey aceitou o convite de John Warr para passar o dia na casa de cultos da Igreja Congregacional.<sup>21</sup> Até então Carey havia ido apenas aos encontros de oração dos dissidentes, mas nunca havia participado de uma celebração realizada fora das reuniões reconhecidas e autorizadas pela Igreja Anglicana.<sup>22</sup> Naquela ocasião, o pregador foi um homem chamado Thomas Charter e, durante a ministração, uma exortação feita a partir do texto bíblico de Hebreus 13.13 gerou profundas transformações em Carey.

Uma das ênfases dadas por Charter ao longo da mensagem foi a respeito da necessidade de o cristão seguir e se entregar a Cristo de maneira completa. Isso fez com que William avaliasse a reconsiderasse a sua permanência na Igreja Anglicana, pois ele passou a enxergá-la como carnal e sem vida, uma vez que estava amparada pelas forças estatais da Inglaterra. Assim, Carey compreendeu que para ser participante do “*escândalo da cruz*” ele deveria se unir aos dissidentes. Dessa forma, Carey acabou tornando-se algo que ele mesmo havia desprezado ao longo de toda a sua vida.<sup>23</sup> Nessa época, em seus momentos de folga, ele passou a se dedicar ainda mais ao estudo bíblico e ao serviço em ministérios leigos.<sup>24</sup>

Entrementes, devido ao falecimento de Clarke Nichols, Carey passou a trabalhar para um novo patrão, Thomas Old. William continuava a desempenhar a mesma função, porém, não mais em Piddington, mas em Hackleton.<sup>25</sup> Nesta cidade, Carey esteve junto com os dissidentes congregacionais que decidiram se estabelecer como uma igreja. Dessa forma, no dia 19 de maio de 1781, William Carey esteve entre os fundadores da comunidade que mais tarde se tornou a Igreja Batista de Hackleton.<sup>26</sup>

Três semanas depois, no dia 10 de junho de 1781, William Carey e Dorothy Plackett casaram-se. Ela, cunhada de Thomas Old, era analfabeta e 5 anos mais velha que William. Posteriormente, tal decisão provou-se imatura por parte de Carey, pois, além dele não dispor dos recursos necessários para manter uma família, Dorothy acabou não sendo uma esposa capaz de auxiliá-lo e acompanhá-lo na missão que ele futuramente teria que cumprir.<sup>27</sup>

Nesse período de sua vida, William Carey passou por uma espécie de treinamento ministerial, incentivado e supervisionado por Thomas Charter. Em junho de 1782, Charter recomendou Carey a uma igreja em Earls Barton. Era uma congregação muito pobre cujos membros não conseguiam nem mesmo fornecer os recursos para repor as roupas e sapatos que Carey gastava andando até lá para pregar. Ele, porém, apesar dessas precárias condições, continuou servindo a essa pequena comunidade como pastor de tempo parcial, dirigindo os cultos a cada duas semanas.<sup>28</sup> Nessa época, William também se revelou como um notável evangelista pessoal. Suas pregações não eram restritas ao púlpito, mas ele também buscava conduzir seus ouvintes à conversão através de conversas individuais. Inclusive, foi a partir de diálogos desse tipo que as duas irmãs de Carey passaram a crer em Cristo.<sup>29</sup>

<sup>21</sup> PEREIRA, 1967, p. 19.

<sup>22</sup> GEORGE, 1998, p. 35.

<sup>23</sup> HAYKIN, 2018, p. 20.

<sup>24</sup> TUCKER, Ruth A. **Até aos confins da Terra**: uma história biográfica das missões cristãs. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 121.

<sup>25</sup> PEREIRA, 1967, p. 19.

<sup>26</sup> HAYKIN, 2018, p. 20.

<sup>27</sup> PEREIRA, 1967, p. 20.

<sup>28</sup> GEORGE, 1998, p. 35.

<sup>29</sup> PEREIRA, 1967, p. 21.

Essa época da vida de William Carey também foi marcada pelo amadurecimento de suas visões teológicas. No verão de 1782, enquanto auxiliava com o trabalho pastoral na congregação da igreja dissidente em Earls Barton, ele participou do encontro anual da Associação Batista de Northamptonshire. Nessa ocasião, Carey ficou confuso ao ouvir a respeito de perspectivas diferentes das suas com relação ao batismo e à ceia. Isso fez com que ele se propusesse a estudar mais sobre estes assuntos, buscando basear a sua opinião em passagens bíblicas, e não em tradições confessionais. À medida que estudava, principalmente sob a influência dos escritos de um pregador batista chamado Robert Hall, Carey passou a compreender que o batismo cristão genuíno deveria acontecer por imersão. Por isso, ele entrou em contato com John Ryland, pastor da Igreja Batista de College Lane, pedindo para ser batizado nas águas. O pastor Ryland o encaminhou ao seu filho, também chamado John, e este, junto com três diáconos, batizou William Carey nas águas do rio Nene, na manhã do dia 05 de outubro de 1783.<sup>30</sup>

No mesmo ano em que Carey foi batizado, Thomas Old, seu patrão, morreu. William continuou com o trabalho na sapataria, além de assumir as responsabilidades pelo sustento da viúva e dos quatro filhos do falecido. A situação de Carey foi ainda mais prejudicada por conta de uma doença que o deixou com sintomas febris durante 18 meses. Durante esse tempo, ele precisou vender alguns de seus bens para conseguir manter o sustento de sua família. Além disso, ofertas generosas de amigos em Paulerspury e de seu irmão mais novo, Thomas, foram de grande auxílio a Carey em meio às suas dificuldades.<sup>31</sup>

Apesar de todas as circunstâncias desfavoráveis, Carey permaneceu dedicado à leitura, aos estudos e à pregação. Com o objetivo de melhorar as condições financeiras da família, William também abriu em sua casa uma escola noturna para crianças, na qual dava aulas de geografia. Algo, porém, ainda estava faltando na trajetória de Carey, a ordenação formal para o ministério.

#### **1.4 MINISTÉRIO PASTORAL**

Mesmo pregando a cada duas semanas em Earls Barton, Carey ainda não havia sido preparado para o ministério do evangelho por nenhuma comunidade local. Isso mudou quando William encontrou-se com John Sutcliff, que o levou a unir-se à igreja que o próprio pastoreava, na cidade de Olney.<sup>32</sup> Nessa época, Sutcliff também passou a ensinar hebraico a Carey, que demonstrava ser um aluno dedicado e de rápido aprendizado. Além dessa língua e do inglês, ele também possuía conhecimentos em latim, grego e italiano, e começou a estudar outros dois idiomas, o holandês e o francês.<sup>33</sup>

Enquanto Carey era preparado para o ministério na igreja em Olney, ele e sua família mudaram-se, em 1785, para Moulton, onde ele passou a realizar algumas tarefas pastorais na igreja batista daquela cidade. O trabalho lá realizado por Carey demonstrou-se rapidamente frutífero e ele logo foi convidado a assumir as responsabilidades pastorais da comunidade. Para isso, porém, ele precisava ser ordenado e autorizado por uma igreja maior e mais influente, a de Olney. Em sua primeira avaliação, Carey não foi aprovado, mas pôde permanecer desempenhando as suas atividades ministeriais. Numa segunda oportunidade, entretanto, no dia 1º de agosto de 1787, William Carey, aos 25 anos de idade, foi formalmente ordenado como pastor em Moulton pela Igreja Batista de Olney.<sup>34</sup> Na ordenação estavam presentes vinte pastores da Associação de Northamptonshire, além de membros de outras igrejas da região.<sup>35</sup>

Seu pastorado em Moulton foi profícuo e a igreja logo precisou ampliar o templo em que as reuniões aconteciam. Mesmo assim, William precisou continuar trabalhando como sapateiro para fornecer o

<sup>30</sup> GEORGE, 1998, p. 38.

<sup>31</sup> MARSHMAN, 1859, p. 7.

<sup>32</sup> GEORGE, 1998, p. 43.

<sup>33</sup> PEREIRA, 1967, p. 22.

<sup>34</sup> PEREIRA, 1967, p. 23.

<sup>35</sup> GEORGE, 1998, p. 46.

sustento diário para a sua família.<sup>36</sup> Apesar da pobreza, os Carey puderam desfrutar de muitas alegrias em Moulton. Foi lá onde três filhos de William e Dorothy nasceram, Félix, William e Peter. Além disso, a família mantinha um relacionamento afetuosos com a igreja local, que também a auxiliava em momentos de necessidade. O ministério de William nesta igreja também foi marcado pelo batismo de sua esposa Dorothy, que ele mesmo realizou, em outubro de 1787.<sup>37</sup>

Durante o período em que William Carey esteve em Moulton, ele também entrou em contato com a publicação do *Diário da última viagem do capitão Cook*. Este livro relatava as expedições realizadas por James Cook, um navegador britânico, para o Pacífico Sul com o objetivo de mapear ilhas e terras e descobrir povos até então desconhecidos pelos europeus. A leitura dessa obra foi muito significativa para Carey, pois a partir dela ele começou a desenvolver um interesse por missões internacionais e uma preocupação pelos povos não alcançados, expandindo os seus horizontes evangelísticos para além de Northamptonshire.<sup>38</sup>

Dessa forma, enquanto exercia o ministério pastoral em Moulton, Carey já estava se preparando para o que ele futuramente realizaria no campo missionário. Além de ler os relatos das viagens do capitão James Cook, William também passou a consultar diversos livros que poderiam lhe fornecer informações sobre terras distantes e povos estrangeiros, como, por exemplo, a *Gramática Geográfica* de Guthrie, e a *Condição atual do Império Britânico* de John Entick. Carey também fabricou manualmente um mapa-múndi e o pendurou no teto de sua oficina. Enquanto trabalhava, William levantava os olhos e observava o mapa, no qual também havia escrito diversas informações sobre a população, religião e outros fatos acerca de cada país.<sup>39</sup>

O interesse que William Carey possuía pela evangelização de povos em nações estrangeiras, porém, não era compartilhado por muitos outros pastores e líderes eclesiais do seu período. Num encontro de pastores da Associação Batista de Northamptonshire, Carey, a partir do texto de Mateus 28.18-20, sugeriu que as igrejas deveriam se empenhar mais em fazer “discípulos de todas as nações”, a fim de obedecer ao mandamento dado por Cristo. Na ocasião, William foi chamado de “entusiasta miserável”, e recebeu a seguinte resposta do pastor que estava conduzindo a reunião: “Jovem, sente-se. Quando Deus desejar converter os pagãos, ele o fará sem a sua ajuda ou a minha!”<sup>40</sup>

Carey, entretanto, não se deixou ser profundamente afetado por tais declarações, continuou estudando e se preparando para o campo missionário. Ele, inclusive, passou a reunir e compilar materiais de pesquisa e leituras para a elaboração de seu livro que, mais tarde, em 1792, foi publicado sob o título de *Uma investigação da obrigação dos cristãos de usar meios para a conversão dos pagãos, em que são considerados a situação religiosa das diferentes nações do mundo, o sucesso de empreendimentos anteriores e a praticabilidade de empreendimentos futuros, por William Carey*.<sup>41</sup> Nesta obra, Carey buscou combater o pensamento hipercalvinista de seu tempo, que considerava a obra missionária como uma atribuição exclusiva de Deus, demonstrando a necessidade e a plausibilidade de novos esforços missionários.<sup>42</sup> O livro, por ser o resultado de uma cuidadosa pesquisa, apresenta gráficos com informações minuciosas acerca de vários países do mundo e uma análise histórica de diversos movimentos missionários feitos anteriormente.<sup>43</sup>

Na época em que estava escrevendo a *Investigação*, Carey recebeu o convite para pastorear a Igreja Batista de Harvey Lane em Leicester. William considerou seriamente a possibilidade de permanecer em Moulton, porém, por conta da situação precária de sua família, decidiu aceitar a proposta e ir para

<sup>36</sup> BOYER, Orlando. **Heróis da fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo**. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1985, p. 96.

<sup>37</sup> GEORGE, 1998, p. 46.

<sup>38</sup> GEORGE, 1998, p. 47.

<sup>39</sup> GEORGE, 1998, p. 48-49.

<sup>40</sup> HAYKIN, 2018, p. 40.

<sup>41</sup> GEORGE, 1998, p. 49.

<sup>42</sup> NEILL, Stephen. **História das missões**. Tradução de Fernando Barros. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 270.

<sup>43</sup> WINTER, Ralph D; HAWTHORNE, Steven C; BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. Vários tradutores. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 291.

uma igreja maior em uma cidade mais desenvolvida. Dessa forma, em 7 de maio de 1789, o convite foi formalmente aceito. O ministério em Harvey Lane foi repleto de desafios. O salário de Carey era maior, porém, como Dorothy estava novamente grávida, ele precisou continuar complementando a renda familiar trabalhando na sapataria e dando aulas.<sup>44</sup>

Em 1792, enquanto Carey pastoreava a igreja em Leicester, a sua *Investigação* foi publicada e impressa em forma de folheto por Ann Ireland, uma editora em Leicester.<sup>45</sup> Em sua versão final, a obra ficou dividida em cinco seções. Na primeira, Carey explica que o mandamento dado por Jesus em Mateus 28.18-20 permanece como uma obrigação a todos os cristãos mesmo após a era dos apóstolos. Em seguida, o livro contém uma análise sobre os empreendimentos evangelísticos realizados por vários missionários ao longo da história. Neste capítulo, Carey também faz uma exposição das viagens missionárias do apóstolo Paulo, descritas no livro de Atos. A terceira seção da *Investigação* apresenta uma série de informações sobre diversos países do mundo. Nela, Carey incluiu vinte e três tabelas com dados estatísticos detalhados sobre cada país, mencionando a sua extensão territorial, população e costumes religiosos, além de analisar todas essas informações apresentadas. No penúltimo capítulo da obra, Carey argumenta em defesa do envio de missionários cristãos para as nações do mundo que ainda não receberam o evangelho e, na quinta e última seção, ele discorre sobre o dever cristão de promover esforços missionários entre os povos não alcançados.<sup>46</sup>

Em pouco tempo, cópias do folheto espalharam-se por diversos lugares e as ideias de Carey foram divulgadas em várias igrejas, provocando mudanças na mentalidade dos cristãos protestantes ingleses do final do século XVIII. Porém, a maior transformação ocorreu em 1792, quando a Associação Batista de Northamptonshire realizou uma reunião na Igreja Batista de Friar Lane, em Nottingham.<sup>47</sup> Carey ficou encarregado de pregar no segundo dia do encontro e, a partir do texto de Isaías 54.2-3, ele exortou a igreja a ampliar os seus limites a fim de alcançar e acolher os pagãos que ainda precisavam ser incluídos na aliança da graça. Essa pregação ficou conhecida como “*o sermão imortal*” e seu conteúdo foi resumido em uma curta frase que Carey pronunciou ao concluir a sua fala: “*Espere grandes coisas. Tente grandes coisas*”.<sup>48</sup>

Ao final do encontro da Associação, uma decisão havia sido tomada pelo grupo. Até o próximo encontro, que seria realizado em Kettering, seria apresentado um plano para a formação de uma sociedade missionária batista, destinada à pregação do evangelho em países estrangeiros.<sup>49</sup> A criação dessa sociedade missionária e o início do trabalho de William Carey em terras distantes serão os assuntos abordados na sequência deste artigo.

## **2. O INÍCIO DA OBRA MISSIONÁRIA DE WILLIAM CAREY**

### **2.1 A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE MISSIONÁRIA BATISTA**

Em Kettering, no dia 2 de outubro de 1792, de acordo com a decisão tomada na reunião da Associação Batista de Northamptonshire no encontro anterior, um grupo de homens se reuniu para orar e refletir acerca da possibilidade da criação da Sociedade Missionária Batista. O grupo era pequeno, composto por apenas catorze pessoas, sendo doze pastores, um leigo e um seminarista.<sup>50</sup> Junto de William Carey estavam John Ryland, que o havia batizado, Reynold Hogg, John Sutcliff, Andrew Fuller, Abraham

<sup>44</sup> GEORGE, 1998, p. 54-55.

<sup>45</sup> GEORGE, 1998, p. 59.

<sup>46</sup> CAREY, William. An enquiry into the obligations of Christians to use means for the conversion of the heathens in which the religious state of the different nations of the world, the success of former undertakings, and the practicability of further undertakings are considered, by William Carey. Tradução nossa. Leicester, Ann Ireland, 1792.

<sup>47</sup> HAYKIN, 2018, p. 75.

<sup>48</sup> GEORGE, 1998, p. 60-61.

<sup>49</sup> PEREIRA, 1967, p. 33.

<sup>50</sup> GEORGE, 1998, p. 106.



Greenwood, Edward Sharman, Samuel Pearce, Joseph Timms, William Heighton, William Stautghton, Joshua Burton, Thomas Blundel e John Ayres.<sup>51</sup>

Não havia ninguém de muito destaque no grupo. Na época, Fuller estava começando a adquirir uma reputação mais ampla, Ryland ainda estava à sombra do ministério de seu pai e os demais eram praticamente desconhecidos. Além disso, o grupo parecia ser inexperiente, pois o mais velho, Sutcliff, tinha somente 40 anos e era pobre, apenas Hogg possuía uma condição financeira mais favorável para colocar em prática o ousado projeto.<sup>52</sup>

Dessa forma, devido a tantas dificuldades, o início da reunião foi marcado pelo desânimo e parecia que a criação da sociedade missionária seria adiada. Carey, porém, inconformado com a situação, leu para o grupo o conteúdo da última edição do *Relatório Periódico das Missões Morávias*. O relatório continha informações sobre os trabalhos evangelísticos realizados entre os escravos nas Antilhas e os nativos na América do Norte e sobre o envio de novos missionários para a África e o Extremo Oriente, Carey questionou se os batistas não seriam capazes de promover algo parecido.<sup>53</sup>

A provocação feita por Carey produziu resultados imediatos, e aqueles catorze homens formaram a chamada Sociedade Batista Particular para a Propagação do Evangelho entre os Pagãos, mais tarde nomeada apenas como Sociedade Missionária Batista. Na ocasião, o grupo também se comprometeu em apoiar financeiramente a sociedade, de forma que uma pequena, mas significativa oferta de treze libras foi levantada e depositada numa caixa que continha em sua tampa uma figura da conversão do apóstolo Paulo gravada em relevo.<sup>54</sup> Ao final da reunião, uma comissão foi organizada entre os participantes do grupo para a supervisão do trabalho. Ryland, Sutcliff e Carey participaram dessa comissão juntamente com Fuller e Hogg que foram nomeados, respectivamente, secretário e tesoureiro.<sup>55</sup>

Mesmo com a criação da Sociedade Missionária, muitos questionamentos e problemas ainda acompanhavam a vida e o ministério de William Carey. O trabalho na igreja em Leicester estava se desenvolvendo, novas pessoas estavam frequentando os cultos e o prédio precisou ser ampliado para acomodar a multidão, de forma que o missionário se perguntava se seria uma decisão sábia deixar tudo isso para trás, a fim de se lançar para o campo missionário. Porém, pior do que os questionamentos de Carey com relação à igreja era a situação de sua esposa Dorothy. O casal já havia perdido duas filhas até aquele momento e, além dos três meninos que haviam sobrevivido, mais uma criança estava sendo aguardada. Além disso, Dorothy nunca havia viajado para fora dos limites do município onde nascera e mal tinha aprendido a ler e a escrever em sua língua materna.<sup>56</sup> Dessa forma, o pensamento de embarcar grávida e junto com três crianças pequenas numa viagem de cinco meses rumo a um país desconhecido com um clima tropical insalubre como o da Índia era para ela algo aterrorizante e inimaginável.<sup>57</sup>

Todas essas dificuldades pareciam fazer com que a obra planejada pela Sociedade Missionária fosse completamente impraticável. Em meio a isso tudo, porém, o auxílio de um homem chamado John Thomas foi crucial e transformador. Dessa forma, o trabalho que a Sociedade Missionária Batista desenvolveu junto com ele, principalmente no que diz respeito à preparação para o primeiro empreendimento em terras estrangeiras, será o foco do próximo capítulo.

## 2.2 A PREPARAÇÃO PARA O PRIMEIRO EMPREENDIMENTO

<sup>51</sup> PEREIRA, 1967, p. 34.

<sup>52</sup> GEORGE, 1998, p. 106.

<sup>53</sup> GEORGE, 1998, p. 106-107.

<sup>54</sup> HAYKIN, 2018, p. 84.

<sup>55</sup> GEORGE, 1998, p. 107.

<sup>56</sup> GEORGE, 1998, p. 109-110.

<sup>57</sup> TUCKER, 1986, p. 122.

John Thomas era quatro anos mais velho que William Carey e havia chegado à fé em Cristo através dos sermões do pregador Samuel Stennett e dos comentários bíblicos de John Gill. Por ter trabalhado como médico no navio *Earl of Oxford*, ele esteve em Calcutá pela primeira vez em 1783. Precisou retornar para a Inglaterra, mas, em 1785, Thomas voltou para a Índia, onde atuou como missionário entre os povos locais, morando primeiro em Malda e depois em Harla Gachi. Porém, apesar de seus esforços, Thomas teve que voltar para as terras inglesas após perder o sustento financeiro que lhe era dado por um homem chamado Charles Grant.<sup>58</sup>

Enquanto estava na Inglaterra, John Thomas enviou uma carta para a recém-criada Sociedade Missionária Batista, procurando alguém que pudesse acompanhá-lo numa viagem de volta à Índia para dar seguimento ao trabalho que já havia sido iniciado. Naquele período, a Sociedade estava buscando uma oportunidade para realizar o seu primeiro empreendimento missionário e encontrou em John Thomas a chance perfeita para isso. Fuller e Carey, depois de conhecerem Thomas e analisarem o seu perfil e histórico, acharam-no digno de confiança e recomendaram-no para os demais membros da Sociedade. Quando o grupo se reuniu novamente, em 9 de janeiro de 1793, em Kettering, foi decidido que John Thomas seria o missionário da Sociedade e que um dos membros da mesma deveria ser enviado junto com ele para a Índia, convite que William Carey prontamente aceitou. Assim, a viagem ficou marcada para o dia 3 de abril de 1793.<sup>59</sup>

Os meses que seguiram a decisão foram marcados por intensos esforços buscando apoio, ofertas e arrecadação de fundos para o empreendimento projetado. Nestas tarefas, o papel de Samuel Pearce, membro da Sociedade e amigo próximo de Carey, foi fundamental. Ele realizou diversas viagens na Inglaterra para coletar doações, e a igreja que ele pastoreava, Cannon Street, em Birmingham, ofertava o dobro para o trabalho externo do que gastava com as suas próprias despesas.<sup>60</sup>

Os membros da igreja de Harvey Lane também ofereceram certa resistência ao empreendimento da Sociedade, pois teriam que se despedir de Carey, que entre eles havia exercido um ministério frutífero e edificante. A comunidade, porém, aceitou a decisão tomada por William e concordou com a sua ida para a Índia. A igreja até mesmo fez um registro em seu livro de atas, dizendo que o seu pastor estava saindo para pregar o evangelho nas Índias Orientais e que os seus membros estavam dispostos a cooperar com a obra.<sup>61</sup>

Os dias após a despedida de Carey na igreja em Leicester foram utilizados para levar Dorothy e as crianças para a família dela que morava em Piddington. Ela estava a poucas semanas do parto e não se deixou convencer a embarcar para a viagem. Assim, ela se despediu de Carey e de Félix, o filho do casal que acompanharia o pai. Os dois, juntamente com Thomas e Pearce, foram para Londres, onde iriam pegar o navio rumo à Índia. Porém, mais problemas surgiram quando o grupo chegou na capital. O governo britânico, de acordo com uma lei do Parlamento, exigia que todos os ingleses que fossem à Índia apresentassem uma licença da Companhia das Índias Orientais, e a não apresentação desse documento era classificada como um crime grave de má-conduta que poderia ser punido com multas e até mesmo com aprisionamento.<sup>62</sup>

Para tentar contornar a situação, Carey buscou a ajuda de John Newton, amigo do parlamentar William Willberforce e líder evangélico de destaque dentro da Igreja Anglicana no período. Newton tentou intervir junto à Companhia das Índias Orientais, mas não teve sucesso, principalmente porque as restrições aplicadas a viagens religiosas estavam ficando mais duras. Naquelas circunstâncias, o auxílio de John Thomas provou-se mais uma vez essencial. Ele conseguiu convencer o capitão White, do navio *Earl of Oxford*, no qual ele já havia servido como médico, a receber o grupo a bordo mesmo sem a licença. Dessa

<sup>58</sup> GEORGE, 1998, p. 111.

<sup>59</sup> GEORGE, 1998, p. 110-113.

<sup>60</sup> GEORGE, 1998, p. 115.

<sup>61</sup> PEREIRA, 1967, p. 39.

<sup>62</sup> GEORGE, 1998, p. 124.

forma, no dia 4 de abril, sete pessoas embarcaram no *Earl of Oxford* rumo à ilha de Wight, William e Félix Carey, e John Thomas com sua esposa, filha e dois primos. Quando o navio zarpou, apenas Samuel Pearce e mais duas outras pessoas estavam no embarcadouro para dizer adeus à tripulação.<sup>63</sup>

Ao chegar na ilha de Wight, o navio precisou ficar ancorado no porto para aguardar o restante do comboio. Dois meses antes da viagem começar, a França havia declarado guerra à Grã-Bretanha, de forma que, por razões de segurança, nenhum comandante ousava navegar sozinho pelo oceano. Assim, a tripulação passou seis semanas hospedada na cidade de Ryle aguardando para continuar a viagem. Durante a estadia, Carey recebeu uma carta encorajadora de sua esposa Dorothy a respeito do parto bem-sucedido do mais novo filho do casal, Jabez. Alguns dias depois, porém, uma outra carta nada encorajadora foi entregue ao capitão White. Se tratava de um documento enviado pela Casa da Índia em Londres, que afirmava que era do conhecimento do governo que uma pessoa estava a bordo do navio sem possuir a permissão necessária, e que, se lhe fosse permitido continuar viajando, um processo seria aberto contra o capitão. Dessa forma, os dos missionários e Félix Carey precisaram deixar o navio, enquanto que os outros tripulantes seguiram com a viagem.<sup>64</sup>

Diante da impossibilidade de seguir com a viagem, Carey e Thomas deixaram a bagagem em Portsmouth e retornaram para Londres. William estava disposto a apelar diretamente ao diretor da Companhia das Índias Orientais, enquanto Thomas buscava alternativas para viajar em navios não ingleses. A oportunidade para seguir com o empreendimento missionário surgiu quando descobriram que um navio dinamarquês estaria embarcando do porto de Dover para a Índia nas semanas seguintes. Como ainda restava um tempo antes da viagem, Carey, junto com Félix e Thomas, decidiu retornar para Northampton a fim de tentar novamente convencer Dorothy a participar da viagem. Ela parecia completamente inflexível com sua escolha, porém Thomas conseguiu convencê-la ao dizer que, se ela não acompanhasse o seu marido, era bem provável que nunca mais o veria novamente.<sup>65</sup> Além disso, outro incentivo dado a Dorothy para participar da viagem veio de sua irmã mais nova, Katherine Plackett, que resolveu também acompanhar o grupo rumo à Índia.<sup>66</sup>

Dessa forma, na segunda-feira do dia 27 de maio de 1793, Carey, com a esposa, os filhos e a cunhada, foi de barco de Londres para Dover a fim de esperar a chegada do navio que os levaria até a Índia, o *Kron Princesa Maria*. Thomas também se reuniu com o grupo após ter ido com uma carruagem para buscar a bagagem que havia ficado em Portsmouth. Depois de algumas semanas de espera, na manhã do dia 13 de junho, o navio vindo de Copenhague chegou ao cais.<sup>67</sup>

A preparação para o primeiro empreendimento da Sociedade Missionária Batista finalmente havia dado resultados. No próximo capítulo, serão relatadas algumas informações referentes à viagem de William Carey para a Índia.

## 2.3 RUMO À ÍNDIA

O *Kron Princesa Maria* seguiu a sua viagem com a companhia da fragata britânica *Triton* até o golfo da Biscaia, próximo à França. Durante o longo trajeto restante, Carey utilizou o seu tempo para aprender o idioma dos povos indianos. Ele aprendeu bengali junto com Thomas e o auxiliou na tradução do livro de Gênesis para essa língua, além de dedicar longos períodos para a oração, leitura bíblica e meditação. No navio também eram realizados cultos públicos todos os domingos, sob a direção de Carey e de Thomas.<sup>68</sup>

Após ter contornado o extremo sul do continente africano, próximo ao cabo das Agulhas, no dia 26 de

<sup>63</sup> GEORGE, 1998, p. 125.

<sup>64</sup> GEORGE, 1998, p. 125-127.

<sup>65</sup> GEORGE, 1998, p. 128.

<sup>66</sup> HAYKIN, 2018, p. 89.

<sup>67</sup> GEORGE, 1998, p. 130.

<sup>68</sup> GEORGE, 1998, p. 132.

agosto, a embarcação foi acometida por uma forte tempestade. Foram necessários 11 dias de trabalho para que os devidos reparos fossem feitos a fim de que o navio continuasse com a viagem. Devido aos atrasos causados pela tempestade, a embarcação não atracou no sul da África, mas seguiu diretamente para o golfo de Bengala. A poucas semanas da chegada no destino, no dia 17 de outubro, William Carey escreveu a sua primeira carta para a Sociedade na Inglaterra. Ele passou detalhes a respeito da viagem, deu notícias sobre o crescimento de seu filho Jabez e pediu para que os seus cooperadores enviassem uma Bíblia poliglota, os evangelhos em malaio e dois livros relacionados à jardinagem, o *Botanical Magazine* de Curtis e o *English Botany* de Sowerby. Além disso, ele explicou mais uma vez a sua visão da expansão do evangelho por todas as nações com as seguintes palavras:

Espero que a Sociedade avance e cresça, e que as multidões de pagãos no mundo ouçam as gloriosas palavras da verdade. A África não está muito longe da Inglaterra; Madagascar é só um pouco mais adiante; tem a América do Sul; e espero que as muitas e grandes ilhas do oceano Índico e do mar da China não sejam esquecidas. Um campo amplo se abre em todos os lados, e milhões de pagãos que estão perecendo, atormentados nesta vida por idolatria, superstição e ignorância, expostos à miséria eterna do mundo futuro, estão pedindo ajuda. Sim, toda a sua miséria apela, assim que se torna conhecida, a todo coração que ama a Deus, e a todas as igrejas do Deus vivo. Oh, que muitos trabalhadores possam ser mandados para a vinha do nosso Senhor Jesus Cristo, e que os gentios possam vir a conhecer a verdade, que está nele.<sup>69</sup>

Um outro desafio surgiu quando o navio se aproximava da costa de Bengala, pois ninguém do grupo de missionários possuía a autorização necessária para entrar na Índia, e o comandante de cada embarcação deveria emitir uma declaração juramentada de que não transportava contrabando nem passageiros sem licença. Portanto, Christmas, o capitão do *Kron Princessa Maria*, antes de atracar, levou Thomas e os Carey a um pequeno barco pesqueiro, chamado *Pansi*, que os levou do estuário da costa até Calcutá por meio do rio Hugli. Assim, o grupo de Carey entrou na Índia no dia 11 de novembro de 1793, três dias antes do desembarque oficial do navio no país.<sup>70</sup>

Apesar das inúmeras dificuldades, William Carey finalmente havia concretizado o seu sonho de chegar em uma nação estrangeira a fim de pregar o evangelho para os povos ainda não alcançados. Na Índia, Carey desenvolveu um longo e frutífero ministério durante 41 anos.<sup>71</sup> Dessa forma, o próximo capítulo do presente artigo terá como objetivo discorrer a respeito de tal obra missionária.

### **3. AS MISSÕES DE WILLIAM CAREY NA ÍNDIA**

#### **3.1 O COMEÇO DO TRABALHO**

A época em que William Carey chegou à Índia se provou extremamente desfavorável para o início e o desenvolvimento de um trabalho evangelístico.<sup>72</sup> A Companhia das Índias Orientais gradualmente se transformava num império e se estabelecia como o poder dominante no país, suspeitando dos missionários e demonstrando hostilidade a eles. O grupo comercial temia as perturbações na ordem social que poderiam ser suscitadas a partir da pregação do evangelho e que abalariam o controle dos europeus sobre os indianos.<sup>73</sup> Por outro lado, Carey encontrou nos povos nativos pessoas receptivas e atentas à mensagem que ele e Thomas estavam anunciando. Antes mesmo de entrarem em Calcutá, numa cidade-mercado às margens do Hugli, multidões haviam ouvido John Thomas pregar por aproximadamente três horas. Naquela noite, os Carey também puderam provar pela primeira vez um jantar indiano, pois foram recebidos com gentileza e hospitalidade pela população local.<sup>74</sup>

Dificuldades financeiras surgiram logo no começo do trabalho. Os missionários haviam levado

<sup>69</sup> GEORGE, 1998, p. 134.

<sup>70</sup> GEORGE, 1998, p. 135.

<sup>71</sup> VARETO, 1946, p. 48.

<sup>72</sup> TUCKER, 1986, p. 123.

<sup>73</sup> NEILL, 1997, p. 270-271.

<sup>74</sup> GEORGE, 1998, p. 135.

caixas com prata e outras mercadorias que eles esperavam conseguir vender com lucro em Calcutá. Porém, devido ao excesso de bens do tipo no mercado, as vendas renderam muito menos do que o esperado. Além disso, John Thomas logo demonstrou-se propenso para a desorganização e a extravagância. Com o dinheiro adquirido, Thomas estabeleceu-se numa casa luxuosa com doze empregados e até mesmo uma carruagem para levá-lo à cidade, gastando tanto a sua parte dos recursos quanto a da família Carey, o que causou a separação entre eles.<sup>75</sup>

As circunstâncias tornaram-se mais favoráveis com o auxílio de um homem chamado Charles Short, um funcionário da Companhia das Índias Orientais que trabalhava nas minas de sal daquela região, que convidou a família Carey para morar em sua casa até que eles pudessem se instalar adequadamente.<sup>76</sup> Na casa de Charles Short, Carey conheceu um culto indiano brâmanes chamado Ram Ram Basu, que havia se tornado cristão.<sup>77</sup> No passado, o homem havia trabalhado junto com John Thomas, e Carey o contratou como seu “*pândita*”, ou “*munshi*”, isto é, um professor que deveria lhe instruir a respeito da língua e dos costumes culturais e religiosos da Índia.<sup>78</sup>

Os Carey desfrutaram de um período relativamente tranquilo durante a estadia na casa de Charles Short, mas William não conseguia se dedicar à obra missionária da maneira que ele desejava, pois estava encarregado pelo cuidado da pequena fazenda que o seu hospedeiro possuía. Uma carta enviada pelo antigo colega John Thomas, entretanto, alterou esse cenário. Além de pedir desculpas a Carey, Thomas o informou a respeito de uma proposta que havia sido oferecida a ambos para assumirem a supervisão de uma fábrica de anil na região de Malda, no norte de Bengala. Carey e Thomas, além de receberem um salário de 250 libras anuais, também teriam direito à participação dos lucros na empresa e, principalmente, teriam finalmente uma condição legal na Índia Britânica, eliminando a possibilidade de serem expulsos a qualquer momento pela Companhia das Índias Orientais.<sup>79</sup>

Diante de todas essas vantagens, Carey aceitou a proposta e novamente mudou-se com a sua família. Dessa forma, ao fim da longa viagem de 400 quilômetros, que durou três semanas, os Carey se instalaram no povoado de Mudnabatty, 50 quilômetros ao norte de Malda, no dia 15 de junho de 1794.<sup>80</sup> William rapidamente provou ser muito capaz para o cargo de supervisor na fábrica. O seu interesse por botânica e o seu conhecimento sobre processos agrícolas, que ele vinha desenvolvendo desde a infância, demonstravam-se extremamente úteis para o trabalho da produção de anil a partir das folhas de índigo.<sup>81</sup> A Sociedade Missionária Batista, porém, quando recebeu uma carta em que Carey informava a respeito de sua nova atuação profissional, passou a olhar com desconfiança para ele. O grupo não era mais composto apenas por pessoas que conheciam o caráter e as motivações de Carey, e esses novos membros começaram a crer que ele estava buscando conforto econômico em detrimento do avanço da obra missionária, mesmo que isso não fosse verdade.<sup>82</sup>

Como havia pouquíssimos europeus em Mudnabatty, Carey passou a ter um contato mais frequente e próximo com os nativos indianos, o que o levou a aprofundar o seu conhecimento do bengali. Além disso, ele também passou a estudar o sânscrito, língua clássica da Índia. Mesmo que o sânscrito não fosse mais uma língua falada na época em que Carey esteve no país, ele rapidamente percebeu que os indianos o consideravam como um idioma sagrado, semelhante ao latim na Europa durante a Idade Média, e o único digno de produção literária. Portanto, Carey compreendeu que o texto bíblico só seria recebido com atenção e seriedade pelos líderes religiosos indianos se ele fosse traduzido para o sânscrito. Aprender o idioma

<sup>75</sup> GEORGE, 1998, p. 141.

<sup>76</sup> GEORGE, 1998, p. 146.

<sup>77</sup> MARSHMAN, 1859, p. 61.

<sup>78</sup> GEORGE, 1998, p. 146.

<sup>79</sup> GEORGE, 1998, p. 151.

<sup>80</sup> GEORGE, 1998, p. 151.

<sup>81</sup> GEORGE, 1998, p. 152.

<sup>82</sup> VARETO, 1946, p. 49.

também fez com que Carey tivesse mais facilidade com muitos outros dialetos da Índia, pois a maioria deles havia se desenvolvido a partir de modificações do antigo sânscrito.<sup>83</sup>

Mesmo que a mudança para Mudnabatty tenha trazido diversos benefícios para os Carey, o clima extremamente quente e a presença de muitos mosquitos na região trouxeram muitos problemas de saúde para a família. O próprio Carey havia contraído malária e, quando estava começando a se recuperar, Peter, seu filho de 5 anos, adoeceu de uma febre ainda mais virulenta e faleceu. Devido à rigidez das regras das castas na Índia, Carey não conseguiu encontrar auxílio para o enterro do menino. Ninguém quis fazer o caixão, cavar a cova e carregar o corpo até o local do sepultamento, pois qualquer contato com um cadáver era expressamente proibido. Finalmente, depois que os próprios pais já haviam decidido levar o corpo, um pária, pessoa marginalizada do sistema de castas e responsável por realizar os trabalhos considerados como desprezíveis, se dispôs a fazer isso.<sup>84</sup>

Essa experiência foi profundamente traumática para a família Carey. William se tornou ainda mais revoltado contra o sistema de castas, reforçando a sua convicção de que apenas o ensino cristão poderia livrar o povo indiano desse estado de opressão e dominação religiosa. Dorothy, por sua vez, nunca se recuperou da morte do menino. Um outro filho do casal viria a nascer em 1796, chamado Jonathan, mas os efeitos psicológicos da morte de Peter nunca foram superados por ela. Além disso, como sua irmã Katherine havia se casado com Charles Short, ela se sentia sozinha e abandonada, tornando-se cada vez mais distante, paranoica e perturbada.<sup>85</sup> Junto à debilidade psicológica, Dorothy passou a sentir muita raiva de William, chegando ao ponto de acusá-lo de ser um adúltero impenitente e até mesmo de tentar matá-lo em duas ocasiões. Anos mais tarde, em 1800, William Ward, um missionário que acompanhou Carey na Índia, registrou em seu diário que Dorothy estava “*totalmente louca*”.<sup>86</sup>

Apesar de todos os problemas domésticos e familiares, William Carey permaneceu firme no desenvolvimento de sua obra missionária, não permitindo nenhuma interrupção.<sup>87</sup> Em seguida, o artigo irá se concentrar na apresentação das características do trabalho realizado por Carey na Índia.

### 3.2 A ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA DE WILLIAM CAREY

Em Mudnabatty, William Carey elaborou os elementos principais da sua estratégia para o avanço da obra missionária, que se organizaram em cinco aspectos:

- 1) Uma vasta pregação do evangelho, por todos os modos possíveis; 2) o reforço da pregação, por meio da distribuição da Bíblia em línguas regionais; 3) a criação, o mais cedo possível, de uma igreja; 4) um estudo profundo das tradições e do pensamento dos povos não-cristãos; 5) a preparação, o mais cedo possível, de sacerdotes indígenas.<sup>88</sup>

Com a elaboração dessa estratégia, Carey definiu os moldes de todo o ministério que ele desenvolveu na Índia ao longo de sua vida inteira, que sempre teve como característica dominante a tradução da Bíblia para os idiomas nativos.<sup>89</sup> Carey também passou a realizar reuniões de pregação dominicais para os indianos, atraindo até 600 pessoas todas as semanas. Como muitos muçulmanos e hindus participavam dessas reuniões, Carey destacava alguns elementos positivos de seus respectivos livros sagrados, o Alcorão e os *Shastras*. Ele salientava as úteis observações que estes livros continham a respeito da vida diária, mas sempre enfatizava que não era possível encontrar neles a solução para o pecado e um meio de perdão e salvação para o homem. Carey, em seguida, apresentava o sacrifício de Jesus Cristo como a única fonte de salvação e graça para os pecadores.<sup>90</sup>

Mesmo com um vocabulário relativamente limitado, Carey conseguia se comunicar adequadamente

<sup>83</sup> HAYKIN, 2018, p. 92.

<sup>84</sup> GEORGE, 1998, p. 155.

<sup>85</sup> GEORGE, 1998, p. 155.

<sup>86</sup> HAYKIN, 2018, p. 90.

<sup>87</sup> PEREIRA, 1967, p. 46.

<sup>88</sup> NEILL, 1997, p. 271-272.

<sup>89</sup> HAYKIN, 2018, p. 93.

<sup>90</sup> GEORGE, 1998, p. 157.

bem com os indianos. Por volta de 1795, ele já possuía fluência suficiente em bengali para pregar por aproximadamente 30 minutos.<sup>91</sup> Carey também demonstrava muito interesse pelos costumes e pela cultura dos povos nativos, buscando se aproximar de seus ouvintes com respeito e sensibilidade. Ele se lembrava bem das restrições legais impostas aos dissidentes na Inglaterra e sabia que o evangelho não iria se difundir na Índia através da coerção e da força.<sup>92</sup> Inclusive, ao escrever para a Sociedade Missionária, ele afirmou que “os missionários farão bem em se associarem tanto quanto possível com os nativos”.<sup>93</sup>

Além do trabalho com as reuniões de pregação e com a tradução do texto bíblico, cuja versão em bengali foi finalizada em 1797, Carey também se dedicou ao progresso nos seus estudos de botânica e da flora típica indiana, tornando-se até mesmo o editor das obras *Hortus Bengalensis* (1814) e *Flora Indica* (1832), de William Roxburgh, médico e botânico escocês responsável por catalogar as plantas do jardim da Companhia das Índias Orientais em Calcutá.<sup>94</sup> Assim, William Carey também demonstrava um profundo interesse pelas características do país onde estava, conseguindo aumentar as formas de diálogo e interação com a população local.

Carey também passou a se preocupar muito com outras necessidades básicas dos povos nativos da Índia. Por ter trabalhado com John Thomas, que havia servido como médico, ele aprendera muitas técnicas e práticas úteis da medicina, que ele aplicava na assistência aos necessitados. A educação dos indianos também se tornou um dos objetivos de Carey. Ele percebeu que a tradução da Bíblia não surtiria efeito caso as pessoas não tivessem a capacidade de lê-la. Por isso, ele concluiu que a fundação de escolas seria o meio adequado para acompanhar a pregação e a tradução do texto bíblico. Porém, como esse tipo de empreendimento demandava muitos recursos investidos, ele não conseguiu colocá-lo em prática da maneira que desejava, conseguindo apenas atender poucos alunos em sua própria casa.<sup>95</sup>

Nessa época, Carey ainda não havia alcançado muitos resultados numéricos significativos com o seu trabalho. Porém, como ele escreveu para Samuel Pearce em 1795, já era possível afirmar que o nome de Jesus Cristo não era mais desconhecido naquela região. Além disso, um mês depois da escrita da carta, Carey celebrou o seu primeiro batismo em solo indiano. Samuel Powell, primo de John Thomas que havia embarcado junto no *Earl of Oxford*, professou a sua fé publicamente e foi batizado. Assim, uma igreja batista foi inaugurada, tendo como membros fundadores apenas quatro homens ingleses, Carey, Thomas, Powell e um homem chamado Sr. Long, que Thomas batizara durante seu ministério anterior.<sup>96</sup>

Dessa forma, foi em Mudnabatty que Carey estabeleceu as principais bases para o seu ministério missionário. Entretanto, foi em outro povoado, Serampore, que ele conseguiu realmente realizar a obra com a qual sonhara durante tanto tempo. Portanto, o próximo capítulo será destinado à descrição do ministério de William Carey em Serampore.

### 3.3 A MISSÃO EM SERAMPORE

No dia 7 de maio de 1799, a Igreja Batista de Olney se reuniu com alegria por conta do envio de novos missionários para a Índia. Dois solteiros estavam no grupo, William Ward, impressor e antigo editor do jornal *Hull Advertiser*, e a Srta. Tidd, além de três casais acompanhados de seus filhos, os Brunsdon e os Grant, com dois filhos, e Joshua e Hannah Marshman, diretores de uma escola de caridade em Bristol, com três filhos pequenos. Samuel Pearce, amigo próximo de Carey, mesmo que desejasse não pôde comparecer à igreja em Olney, muito menos participar da viagem até a Índia devido a uma doença que pouco tempo depois lhe tirou a vida.<sup>97</sup>

<sup>91</sup> GEORGE, 1998, p. 157.

<sup>92</sup> GEORGE, 1998, p. 159

<sup>93</sup> PEREIRA, 1967, p. 47.

<sup>94</sup> HAYKIN, 2018, p. 93.

<sup>95</sup> PEREIRA, 1967, p. 48.

<sup>96</sup> GEORGE, 1998, p. 162.

<sup>97</sup> GEORGE, 1998, p. 167.

Os missionários realizaram a viagem a bordo do *Criterion*, uma fragata americana conduzida pelo capitão Wikes, e planejavam desembarcar antes de chegarem em Calcutá para seguirem com barcos menores pelo rio Hugli até a colônia dinamarquesa em Serampore.<sup>98</sup> Na Índia, os dinamarqueses não manifestaram a mesma hostilidade que os ingleses contra as missões. Dessa forma, em Serampore os missionários estariam livres da constante possibilidade de deportação que existia nas regiões dominadas pelo império britânico.<sup>99</sup> Depois de chegarem a essa colônia, os missionários planejavam se juntar a Carey no povoado de Kidderpore. No começo de 1799, um período de fortes chuvas e altas temperaturas fez com que o trabalho com a plantação de índigo em Mudnabatty se tornasse praticamente impossível. Por isso, Carey havia se mudado com sua família para Kidderpore, um local onde o plantio de índigo poderia continuar e a comunidade de missionários poderia lançar raízes e se desenvolver.<sup>100</sup>

Alguns problemas, porém, fizeram com que os planos sofressem drásticas alterações. Quando os missionários entraram no país, o jornal *Calcutta Gazette* anunciou a chegada de “missionários papistas”, o que fez com que as autoridades inglesas ficassem extremamente alarmadas, pois acreditaram que se tratavam de missionários católicos franceses, e a França ainda estava em guerra contra a Inglaterra e existiam muitos rumores de que Napoleão planejava remover a Índia do controle britânico. Para contornar todas essas dificuldades, o auxílio do coronel Bie, governador da colônia de Serampore, foi de grande ajuda. Ele ofereceu asilo para os missionários na colônia recomendou que eles enviassem um documento para o Lorde Wellesley, governador-geral da Índia britânica, que acabou permitindo a presença deles no país após compreender que se tratava de uma missão protestante.<sup>101</sup>

O coronel Bie também garantiu aos missionários plena liberdade de ação em Serampore, além de permitir-lhes o estabelecimento de uma imprensa tipográfica na colônia, o que seria completamente impossível no território ocupado pelos ingleses.<sup>102</sup> Porém, ainda faltava uma coisa muito importante para que o grupo se instalasse de maneira definitiva em Serampore, a presença de Carey com eles, pois haviam vindo da Inglaterra justamente com o objetivo de auxiliá-lo no desenvolvimento da obra missionária na Índia. Por isso, William Ward foi escolhido para viajar até Kidderpore a fim de transmitir a Carey a proposta de mudança de sua base missionária para a colônia dinamarquesa, que foi aceita depois de certa relutância e muitas considerações. Assim, no dia 10 de janeiro de 1800, a família Carey chegou e se estabeleceu em Serampore.<sup>103</sup>

Foi nessa colônia em que a obra missionária de William Carey se desenvolveu de maneira mais expressiva e significativa. Com a ajuda do coronel Bie, os missionários puderam comprar um terreno espaçoso no qual, além de casas separadas para as famílias, também havia um grande salão que poderia ser usado como refeitório e capela e outras construções que eles logo se empenharam para transformar em uma oficina gráfica e em uma escola para as crianças. Em Serampore os missionários passaram a ter um estilo de vida comunitário, semelhante aos morávios e aos primeiros cristãos relatados no livro de Atos. Todo o rendimento do trabalho era depositado numa conta comum e todo o lucro era investido na promoção da obra missionária. Além disso, não havia hierarquia ou uma liderança autoritária na irmandade, como o grupo foi chamado, mas havia um revezamento nas pregações e em todos os sábados os missionários e suas famílias se reuniam para planejar as atividades da próxima semana e resolver os conflitos que poderiam ter surgido durante os dias anteriores, sempre prometendo amar uns aos outros.<sup>104</sup>

<sup>98</sup> GEORGE, 1998, p. 169.

<sup>99</sup> NEILL, 1997, p. 271.

<sup>100</sup> GEORGE, 1998, p. 165.

<sup>101</sup> MARSHMAN, 1859, p. 111-115.

<sup>102</sup> PEREIRA, 1967, p. 53-54.

<sup>103</sup> GEORGE, 1998, p. 170.

<sup>104</sup> TUCKER, 1986, p. 124.



Um documento chamado de *Formulário de Acordo*, elaborado e adotado pelos missionários em 1804, que deveria ser publicamente lido três vezes por ano, esclarecia nas seguintes 11 declarações as atitudes que todos os membros do grupo se comprometiam a ter:

1. Conferir um valor infinito às almas das pessoas;
2. Tomar conhecimento dos ardis que prendem as mentes das pessoas;
3. Abster-se de tudo que possa aumentar o preconceito contra o evangelho na Índia;
4. Estar atento a todas as oportunidades para fazer o bem às pessoas;
5. Pregar o “Cristo crucificado” como o grande meio de salvação;
6. Ter estima pelos indianos e tratá-los sempre como iguais;
7. Receber e edificar as “multidões que se reunirem”;
8. Cultivar os dons espirituais deles, mostrando-lhes suas obrigações missionárias, pois só os indianos podem conquistar a Índia para Cristo;
9. Trabalhar sem descanso para a tradução da Bíblia;
10. Insistir no aprofundamento da vida cristã pessoal;
11. Entregar-se sem reservas à Causa, “não considerando suas nem a roupa do corpo”.<sup>105</sup>

Esse compromisso assumido pelos missionários fez com que o trabalho prosseguisse sem muitos problemas, tornando Carey, Marshman e Ward conhecidos como “*o trio de Serampore*”.<sup>106</sup> A irmandade também passou a cumprir com diligência uma rotina com tarefas bem estabelecidas, que começava às 6 horas, logo após todos acordarem. Carey passava as manhãs cuidando do jardim e se preparando, em oração e meditação, para o trabalho do restante do dia. Ward e Félix Carey se dirigiam para a gráfica a fim de preparar as ferramentas e insumos que seriam utilizados na produção das impressões, e os Marshman separavam e organizavam os materiais para a escola. O café da manhã era às 8 horas, seguido de mais trabalho. Depois, um leve almoço era servido, seguido por um período de descanso, mais trabalho, e pela refeição principal às 3 horas da tarde. O restante do dia era empregado em excursões de pregação, encontros de oração e conversas com interessados. As quintas-feiras à noite eram destinadas a reuniões de testemunhos, nas quais os membros da irmandade compartilhavam experiências, motivos de oração e lições que haviam aprendido com a leitura bíblica.<sup>107</sup>

Como a gráfica já havia sido inaugurada e estava em funcionamento, Carey pôde iniciar as impressões do texto bíblico que ele havia traduzido. Durante seus anos em Serampore, ele conseguiu traduzir a Bíblia inteira para o bengali, o sânscrito e o marata. Porém, é necessário destacar que as suas versões continham muitos erros e, por isso, precisavam de constantes ajustes e revisões.<sup>108</sup> Uma das principais estratégias missionárias adotadas por Carey foi a distribuição do evangelho de Mateus em formato de folhetos para o povo. Tal método provou-se muito eficiente e em pouco tempo muitos indianos passaram a se dirigir a Serampore buscando mais informações a respeito de Jesus Cristo. Além disso, a música era um elemento muito presente no ministério do *Trio de Serampore*. Os missionários passeavam por ruas movimentadas entoando hinos cristãos, o que gerava curiosidade nos povos locais e atraía a atenção de muitas pessoas.<sup>109</sup>

Mesmo com todo trabalho, a obra missionária de Carey estava levando muito tempo para gerar frutos significativos, ou seja, conversões e batismos de indianos nativos. Isso, porém, mudou quando um carpinteiro hindu chamado Krishna Pal confessou a sua fé em Cristo e, no dia 29 de dezembro de 1800, foi batizado bíblicamente nas águas do rio Hugli.<sup>110</sup> Pal chegou até os missionários em Serampore devido a um acidente, pois ele havia deslocado o ombro e necessitava de ajuda médica. Carey, John Thomas e Ward, após auxiliarem o homem, passaram a falar-lhe longamente a respeito do evangelho. Pal precisou voltar algumas vezes para a base da missão para seguir com o tratamento, porém, mesmo depois de recuperado, retornava para continuar conversando com os missionários sobre a fé cristã e também passou a transmitir o que

<sup>105</sup> GEORGE, 1998, p. 170-172.

<sup>106</sup> TUCKER, 1986, p. 124.

<sup>107</sup> GEORGE, 1998, p. 172.

<sup>108</sup> TUCKER, 1986, p. 124-125.

<sup>109</sup> GEORGE, 1998, p. 177-178.

<sup>110</sup> HAYKIN, 2018, p. 104.

estava aprendendo para alguns membros de sua família. Dessa forma, Pal foi conduzido à fé e ao batismo, celebração que reuniu muitos hindus, muçulmanos e europeus, um destes sendo o próprio coronel Bie.<sup>111</sup>

Depois de seu batismo, Pal passou a ser um grande cooperador com o trabalho missionário do *Trio de Serampore*, evangelizando outros indianos e compondo hinos em bengali, até a sua morte em 1822. Após Pal, muitos outros batismos aconteceram por conta da obra missionária de William Carey. Estima-se que até 1821 mais de 1400 novos cristãos tenham sido batizados, dos quais mais da metade eram indianos.<sup>112</sup> Além de todas essas conversões, outro aspecto importantíssimo do trabalho de Carey na Índia refere-se às transformações e reformas sociais promovidas. Por isso, o próximo capítulo tratará desses assuntos.

### 3.4 AS REFORMAS SOCIAIS PROMOVIDAS POR WILLIAM CAREY

Em sua *Investigação*, Carey havia defendido que os cristãos deveriam usar todos os meios possíveis e lícitos para a conversão dos pagãos. Por isso, além da pregação do evangelho e da tradução da Bíblia, a educação foi um dos elementos mais presentes e característicos no ministério de William Carey na Índia. Ele já havia iniciado uma pequena escola em Mudnabatty em 1798, porém, devido à falta de recursos e à mudança para Serampore, o trabalho precisou ser interrompido. Na colônia dinamarquesa, por outro lado, o projeto educacional floresceu de forma expressiva. Em Serampore foi fundada uma vasta rede de escolas nativas com instrução em bengali, internatos para instruir os filhos de europeus, escolas femininas e escolas dominicais. Carey e Ward auxiliavam no trabalho educacional, pois haviam sido professores na Inglaterra, porém, era o casal Joshua e Hannah Marshman que supervisionava todo o empreendimento.<sup>113</sup>

Carey buscava instruir seus alunos a respeito das verdades divinas, promovendo neles a curiosidade e um espírito pesquisador que os fizesse contemplar e considerar tanto fatos visíveis do mundo natural quanto verdades teológicas e filosóficas. Além disso, como ele rejeitava a distinção feita entre ciência e religião, Carey acreditava que apenas um ensino integral e amplo que abrangesse todos os fatos da realidade poderia fazer com que os indianos conseguissem superar as superstições pagãs e as mitologias de sua cosmovisão falha. Ao observar os cinco primeiros princípios de um material didático elaborado por Carey, é possível perceber de que maneira ele desenvolvia o seu método integral de ensino e educação. Em seu material ele afirmava que:

1. A terra foi criada há mais ou menos 6000 anos. Deus criou todas as coisas a partir do nada. A terra tem 32219 km de circunferência.
2. A terra leva 24 horas para girar em torno de seu próprio eixo, como uma roda. Esse movimento causa o dia e a noite. Os dias mais longos e mais curtos são causados pelo movimento anual da terra.
3. Os olhos de Deus estão em todo lugar, olhando o mal e o bem. As nuvens nunca estão a mais de 5 km de altura da terra. As montanhas mais altas têm pouco mais de 8 km acima do nível do mar.
4. Deus criou todas as nações da terra de uma só origem. A parte europeia do mundo sabe da existência da Índia há mais de 2000 anos. Dizem que Menu, o primeiro soberano da Índia, reinou há mais ou menos 3000 anos.
5. Deus decidiu que todas as pessoas devem morrer e enfrentar o julgamento. A Terra e os outros planetas giram em torno do sol. As nuvens, de onde vem a chuva, são formadas por exalações da terra. A alma de uma pessoa vale mais que o sol, a lua e as estrelas.<sup>114</sup>

O trabalho educacional do *Trio de Serampore* foi profícuo e, até 1817, 103 escolas haviam sido abertas, com uma frequência média de 6703 alunos, promovendo uma verdadeira reforma social. Os resultados proporcionados por esse trabalho de alfabetização e instrução do povo indiano tiveram importantíssimas influências sobre o desenvolvimento cultural do país e também serviram ao propósito principal de Carey

<sup>111</sup> PEREIRA, 1967, p. 58-59.

<sup>112</sup> HAYKIN, 2018, p. 105.

<sup>113</sup> GEORGE, 1998, p. 195.

<sup>114</sup> GEORGE, 1998, p. 195-197.

de preparar uma geração de líderes nativos para as igrejas autóctones<sup>115</sup>. Porém, além do envolvimento nas escolas fundadas pelo próprio *Trio de Serampore*, Carey também teve uma contribuição singular para a educação na nação indiana através de seu trabalho desenvolvido no Fort William College, em Calcutá.

O Fort William College, fundado pelo governador-geral da Índia britânica, o Lorde Wellesley, foi criado em 1800 com o propósito de preparar os jovens ingleses enviados para trabalhar na Companhia das Índias Orientais. O governador desejava que os funcionários da Companhia possuíssem um conhecimento intelectual e cultural amplo, que conhecessem adequadamente o país onde estavam e que fossem também capazes de interagir com facilidade com os habitantes nativos da Índia.<sup>116</sup> Por essas razões, o currículo do Fort William era composto por estudos de algumas línguas europeias, além do grego, latim e inglês clássicos. Os alunos também estudavam geografia, matemática, história, ciências, botânica, química, astronomia, ética e Direito. Além disso, o colégio também fornecia aulas de diversos idiomas falados pela população indiana.<sup>117</sup>

Em 1801, William Carey foi convidado por David Brown e Claudius Buchanan, respectivos diretor e vice-diretor do Fort William College, para ser professor de bengali na instituição. No princípio, Carey teve dúvidas se deveria ou não aceitar a proposta, pois não possuía um conhecimento tão profundo a respeito da língua bengali e nunca havia passado por um processo formal de ensino.<sup>118</sup> Porém, depois de considerar a oportunidade, de receber a garantia de que poderia continuar desempenhando as suas funções como missionário e de ser entusiasmadamente apoiado por Marshman e Ward, Carey aceitou o convite.<sup>119</sup>

William Carey atuou como professor no Fort William de 1801 até 1830, quatro anos antes de sua morte. O trabalho na instituição, longe de prejudicar o desenvolvimento da obra missionária de Carey, apenas o ajudou a difundir ainda mais o evangelho na Índia. Quase todo o salário que ele recebia pelas aulas era aplicado no sustento das missões em Serampore, com exceção de uma pequena quantia para seu orçamento familiar e pessoal. A atuação de Carey no Fort William também complementou o seu trabalho como tradutor, pois ele pôde produzir gramáticas e dicionários de diversas línguas e, por ter à sua volta intelectuais e estudiosos de vários idiomas, pôde também revisar, corrigir e aperfeiçoar as traduções que já havia feito.<sup>120</sup>

Outro benefício dado a Carey foi a possibilidade de expandir o trabalho missionário de Serampore para Calcutá, pois, após as aulas, ele tinha liberdade e disponibilidade para anunciar o evangelho aos pobres e párias da cidade. Além disso, também é válido ressaltar o prestígio e o respeito que Carey passou a ter diante das autoridades inglesas na Índia por conta da sua posição no Fort William. Essas coisas foram especialmente importantes quando, devido a um conflito entre a Inglaterra e a Dinamarca, em 1801, a colônia de Serampore foi tomada pelos britânicos. Isso poderia ameaçar a liberdade que os missionários usufruíram durante o controle dinamarquês na colônia, porém, por causa da função de Carey no Fort William e de sua proximidade com o Lorde Wellesley, os missionários receberam permissão para seguir com o trabalho sem restrições.<sup>121</sup>

Com relação às contribuições educacionais feitas por Carey na Índia, ainda é necessário destacar a fundação do Serampore College, em 1818, uma instituição destinada ao ensino de “asiáticos, cristãos e outros jovens em literatura oriental e ciência europeia”.<sup>122</sup> Durante muitos anos, a educação indiana havia sido exclusivamente destinada aos brâmanes, pessoas pertencentes à casta superior do sistema religioso hindu. Carey, porém, com o Serampore College, desejava tornar o ensino acessível para toda a população

<sup>115</sup> GEORGE, 1998, p. 197.

<sup>116</sup> PEREIRA, 1967, p. 64.

<sup>117</sup> MARSHMAN, 1859, p. 144.

<sup>118</sup> GEORGE, 1998, p. 198.

<sup>119</sup> TUCKER, 1986, p. 125.

<sup>120</sup> GEORGE, 1998, p. 198.

<sup>121</sup> GEORGE, 1998, p. 199.

<sup>122</sup> NEILL, 1997, p. 274.

nativa, sem restrições de classe. Além disso, ele também tinha o objetivo de não anglicizar os estudantes indianos. Por isso, as aulas eram realizadas na língua do povo e os costumes culturais dos alunos eram respeitados e valorizados.<sup>123</sup>

Além dos estudos em ciências e literatura, a instituição também teve o propósito de proporcionar uma educação teológica para estudantes cristãos de diversas denominações, pois Carey tinha consciência de que os missionários ingleses sozinhos jamais conseguiriam evangelizar toda a Índia. Mesmo com essa variedade de denominações, os professores do Serampore College precisavam identificar-se com as doutrinas evangélicas essenciais. Na instituição, William Carey deu aulas de teologia, apresentou palestras acerca de botânica e zoologia e também cultivou um amplo jardim, realizando assim um sonho que possuía desde a sua infância.<sup>124</sup>

Somadas aos avanços na área educacional, o ministério de William Carey na Índia também promoveu profundas reformas sociais com relação ao respeito à vida e aos direitos humanos. As autoridades britânicas, em nome da manutenção da ordem e do controle político, buscavam não interferir nas práticas religiosas e culturais dos indianos, pois isso poderia fazer com que as populações locais se revoltassem contra o governo inglês. Carey, porém, havia testemunhado algumas dessas práticas e tomou a decisão de combatê-las com veemência. Em 1779, na região de Malda, ele havia visto um pequeno cesto com os restos de um cadáver de uma criança que havia sido rejeitada e abandonada. No mesmo ano, outra situação testemunhada por Carey que intensificou o seu sentimento de revolta foi a realização de um *sati*, a imolação de uma viúva hindu que havia sido queimada viva junto com o seu falecido marido numa pira.<sup>125</sup>

Além disso, a prática do infanticídio era muito comum na Índia. Bebês doentes, com má formação ou que recusavam o leite materno eram abandonados, porque acreditava-se que estavam possuídos por maus espíritos.<sup>126</sup> Anualmente também era realizada uma celebração religiosa nas ilhas Sagar, região onde o rio Ganges deságua no mar do golfo de Bengala, na qual cerca de 100 crianças eram sacrificadas por seus pais devido a votos feitos a divindades.<sup>127</sup> Assim como os recém-nascidos eram desprezados, também os indigentes e idosos muitas vezes eram abandonados nas margens do Ganges para morrer. Com frequência, os membros da comunidade missionária de Serampore resgatavam pessoas que haviam sido deixadas às margens do rio perto da sede da missão.<sup>128</sup>

Toda a revolta e os protestos de Carey contra essas práticas geraram resultados transformadores na sociedade indiana. Ele levou as autoridades britânicas de Calcutá a decretarem, em agosto de 1802, que o infanticídio ritual era crime.<sup>129</sup> As campanhas de Carey contra o *sati* também fizeram com que, em 1829, a cerimônia se tornasse legalmente banida, o que preservou a vida de muitas viúvas hindus ao longo da história.<sup>130</sup>

As reformas sociais promovidas por William Carey nunca substituíram a sua obra missionária, mas apenas comprovaram o quanto ele se importava com as pessoas para quem ele anunciava o evangelho. Ao considerar estes dois aspectos de seu ministério, a pregação e as reformas sociais, é possível ter uma compreensão ampla e profunda de que maneiras a missão evangelística de Carey se desenvolveu na nação indiana. O próximo capítulo, por fim, irá descrever os últimos eventos da vida e da obra missionária de William Carey.

<sup>123</sup> PEREIRA, 1967, p. 84.

<sup>124</sup> GEORGE, 1998, p. 201.

<sup>125</sup> GEORGE, 1998, p. 203-204.

<sup>126</sup> GEORGE, 1998, p. 202.

<sup>127</sup> MARSHMAN, 1859, p. 158.

<sup>128</sup> GEORGE, 1998, p. 204.

<sup>129</sup> MARSHMAN, 1859, p. 158.

<sup>130</sup> GEORGE, 1998, p. 205.

## 4. O TÉRMINO DA MISSÃO DE WILLIAM CAREY

### 4.1 A RUPTURA ENTRE O TRIO DE SERAMPORE E A SOCIEDADE BATISTA MISSIONÁRIA

As desavenças entre Carey e a Sociedade haviam começado após a sua mudança para Mudnabatty, quando ele havia assumido a função de supervisor numa fábrica de anil. Por conta da melhora da condição financeira de Carey, ele enviou uma carta para a Sociedade, comunicando que não necessitaria mais de auxílio monetário. A carta, porém, fez com que os novos membros da Sociedade, que não conheciam Carey pessoalmente, passassem a enxergá-lo com suspeita e desconfiança. Inclusive, numa reunião em que Fuller não estava presente, a Sociedade enviou uma resposta para Carey, insinuando que nele o “espírito missionário” havia sido engolido pelos “interesses do comerciante”.<sup>131</sup>

Durante um tempo, Fuller foi capaz de manter a paz e a ordem entre o *Trio de Serampore* e a Sociedade. Sua morte, porém, em 1815, fez com que o relacionamento entre os dois grupos voltasse a se deteriorar. Naquela época, Samuel Pearce e John Sutcliff, amigos próximos de Carey que também haviam participado da fundação da Sociedade Missionária Batista, em 1792, também já haviam morrido. Novos membros tomaram o lugar destes homens e passaram a sugerir novos rumos para o trabalho missionário na Índia. Eles propunham que o sustento dos missionários deveria ser dado exclusivamente pela Sociedade, proibindo o envolvimento das pessoas participantes da obra evangelística em qualquer outra atividade profissional. Além disso, eles desejavam que toda a administração do trabalho fosse feita a partir de Londres, a nova sede da Sociedade.<sup>132</sup>

Durante anos, diversas cartas foram enviadas e respondidas entre os missionários em Serampore e a Sociedade na Inglaterra. Mesmo assim, todos esses documentos não foram suficientes para resolver totalmente a disputa. As desavenças até mesmo se tornaram mais graves e intensas quando a Sociedade enviou novos missionários para o campo de Serampore. Com uma mentalidade diferente, os novos obreiros não aceitaram viver à maneira comunitária que caracterizava a obra desenvolvida por Carey, Marshman e Ward. Um deles, inclusive, exigiu uma casa separada com um estábulo e servos. Essas diferenças fizeram com que o trabalho em conjunto fosse completamente impossível, de forma que os novos missionários formaram a União Missionária de Calcutá e passaram a trabalhar a poucos quilômetros de distância do *Trio de Serampore*.<sup>133</sup>

Quando a Sociedade interveio no conflito, o resultado foi ainda pior. Como o grupo de Londres desejava que a missão em Serampore ficasse totalmente sob o seu controle, algo que era inimaginável para Carey, a reação do *Trio* foi o rompimento de relações com a Sociedade Missionária Batista, em 1826.<sup>134</sup> A reconciliação só foi acontecer oito anos depois, em 1834, pouco antes do falecimento de Marshman.<sup>135</sup>

Mesmo que a ruptura entre o *Trio de Serampore* e a Sociedade Batista Missionária não tenha causado o fim das missões de William Carey na Índia, pois os missionários conseguiram se sustentar sem depender da Sociedade, ela certamente limitou as suas possibilidades e dificultou o seu desenvolvimento. O próximo capítulo, por fim, irá descrever os últimos anos da vida de William Carey.

### 4.2 O FIM DA VIDA DE WILLIAM CAREY

William Carey exerceu o seu ministério na Índia durante 41 anos com dedicação e fidelidade ao propósito de transmitir o evangelho nas línguas dos povos locais. Ao longo de todo esse tempo ele sofreu diversas perdas familiares severas. A primeira foi a de seu filho Peter, que faleceu aos 5 anos de idade. Além

<sup>131</sup> GEORGE, 1998, p. 153.

<sup>132</sup> HAYKIN, 2018, p. 115.

<sup>133</sup> TUCKER, 1986, p. 122.

<sup>134</sup> TUCKER, 1986, p. 122.

<sup>135</sup> HAYKIN, 2018, p. 117.

disso, Carey teve três casamentos, devido ao falecimento de duas de suas esposas. Dorothy, cujo estado mental estava debilitado por ter ido a contragosto para a Índia e por conta da morte de Peter, faleceu aos 51 anos, no dia 8 de dezembro de 1807. Poucos meses depois, no dia 9 de maio de 1808, Carey casou-se com Charlotte von Rumohr, o que inicialmente gerou alguns protestos dentro da comunidade missionária de Serampore. Ela, filha de um dinamarquês rico, havia ido para a colônia, pois o clima do lugar a auxiliava no tratamento de uma doença que a afligia desde a infância. Charlotte se empenhou no trabalho missionário de Carey e prestou a ele uma grande ajuda, pois era fluente em várias línguas e familiarizada com a melhor literatura da época, além de cuidar de seus filhos de maneira afetuosa.<sup>136</sup>

Charlotte esteve ao lado de Carey durante 13 anos, até a sua morte em 1821, aos 60 anos. O luto pelo qual Carey passou foi intenso, pois foi com Charlotte que ele desfrutou de um intenso companheirismo conjugal. Mesmo assim, no verão de 1822, ele casou-se novamente. Grace Hughes foi a terceira esposa de Carey, com quem ele se uniu em matrimônio em 1822. Ela, que também havia sido viúva por conta do falecimento de dois cônjuges, prestou grande auxílio a Carey em seu trabalho missionário e cuidadosa e afetosamente ajudou-o a passar por doenças e pelo luto causado pelo falecimento de Félix, o filho mais velho do missionário, que aconteceu também em 1822.<sup>137</sup>

O próprio Carey, por fim, após terminar a oitava revisão do Novo Testamento em bengali, em 1832, compreendeu que o seu tempo neste mundo estava acabando.<sup>138</sup> Em seus últimos anos, Carey escreveu muito a respeito da certeza e da segurança que ele possuía na suficiência do sacrifício de Cristo para a salvação, além de receber diversas visitas e fazer muitos passeios pelo seu jardim, seu local de oração favorito.

<sup>139</sup> Em 1834, às 5:30 do dia 9 de junho, William Carey faleceu com 73 anos de idade. No funeral estavam presentes Jabez e Williams, filhos de Carey que também haviam se tornado missionários, e Jonathan, outro de seus filhos, além de muitos hindus e várias autoridades inglesas e dinamarquesas. No túmulo de Carey foram inscritas duas linhas de um hino de Isaac Watts pelas quais ele tinha muito apreço e que refletiam a sua consciência de incapacidade e indignidade perante o seu Senhor e Salvador Jesus Cristo: “*Um verme miserável, pobre e indefeso, em Teus braços bondosos eu caio*”.<sup>140</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar a vida e a obra de William Carey, o motivo pelo qual ele passou a ser considerado o “pai das missões modernas” se torna claramente evidente. O trabalho que Carey realizou antes mesmo de ir até à Índia, com a escrita e a publicação de sua *Investigação*, foi crucial para a mudança da mentalidade das igrejas protestantes europeias com relação à evangelização de povos estrangeiros em nações distantes, que se encontrava estagnada e desinteressada pelo assunto. Assim, Carey inaugurou uma verdadeira nova era de missões cristãs que alcançaram diversos países no mundo inteiro. Além disso, Carey é um modelo de esforço e dedicação, pois, mesmo nas condições mais desfavoráveis e adversas, ele nunca deixou de se preparar com excelência para a obra evangelística com a qual tanto sonhara durante a sua juventude.

Carey também se tornou um exemplo paradigmático no que diz respeito a missões transculturais. Seu método evangelístico não se baseava na dominação, que muitas vezes se confundia com o próprio colonialismo, mas se desenvolvia através de um contato respeitoso e sensível com a cultura e as características dos povos nativos para quem ele anunciava o evangelho. Além disso, Carey demonstrou de maneira clara e objetiva a importância da centralidade das Escrituras para o avanço da obra missionária, por meio da tradução do texto bíblico para as línguas das populações locais da Índia. Tal empreendimento fez com que o seu trabalho continuasse a produzir frutos e transformações até mesmo após a sua morte.

<sup>136</sup> GEORGE, 1998, p. 214-216.

<sup>137</sup> GEORGE, 1998, p. 216-217.

<sup>138</sup> GEORGE, 1998, p. 224.

<sup>139</sup> HAYKIN, 2018, p. 117.

<sup>140</sup> HAYKIN, 2018, p. 117.

Por fim, também é possível, a partir da vida e da obra de William Carey, observar de que formas os empreendimentos missionários podem também ser desenvolvidos através de reformas sociais, que em muitos aspectos podem auxiliar na propagação do evangelho. As reformas que Carey promoveu na Índia, tanto com relação à educação quanto ao respeito à vida, fizeram com que os valores do Reino de Deus se espalhassem por aquela nação, modificando a cultura do povo indiano, contribuindo para que as pessoas compreendessem as verdades bíblicas com mais facilidade e profundidade. Dessa forma, é possível concluir que o trabalho realizado por William Carey continua sendo significativamente importante até hoje, pois, além de explicar de que maneira as sociedades missionárias batistas se desenvolveram na Inglaterra e de que forma o evangelho foi difundido na Índia, também apresenta princípios bíblicos para o avanço da obra missionária em povos ainda não alcançados, sendo assim especialmente relevante para as áreas de História e Teologia de Missões.

## REFERÊNCIAS

BOYER, Orlando. **Heróis da fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo**. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1985. 271 p.

CAREY, William. **An enquiry into the obligations of Christians to use means for the conversion of the heathens in which the religious state of the different nations of the world, the success of former undertakings, and the practicability of further undertakings are considered, by William Carey**. Tradução nossa. Leicester, Ann Ireland, 1792. 87 p.

GEORGE, Timothy. **Fiel testemunha: vida e obra de William Carey**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1998. 294 p.

HAYKIN, Michael A. G. **The missionary fellowship of William Carey**. Tradução nossa. Sanford: Ligonier Ministries, 2018. 161 p.

MARSHMAN, John Clark. **The life and times of Carey, Marshman, and Ward: Embracing the history of the Serampore mission**. Tradução nossa. Londres: Longman, Brown, Green, Longmans & Roberts, 1859. 527 p.

NEILL, Stephen. **História das missões**. Tradução de Fernando Barros. 2.ed. São Paulo: Vida Nova. 615 p.

PEREIRA, J. Reis. **Ele tinha o mundo no coração: a vida de Guilherme Carey**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista Brasileira, 1967. 99 p.

TUCKER, Ruth A. **Até aos confins da Terra: uma história biográfica das missões cristãs**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1986. 590 p.

VARETO, Juan C. **Heróis e mártires da obra missionária: desde os apóstolos até nossos dias**. Tradução de Almir S. Gonçalves. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1946. 254 p.

WINTER, Ralph D; HAWTHORNE, Steven C; BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. Vários tradutores. São Paulo: Vida Nova, 2009. 787 p.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional